XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação **(XVII ENANCIB)**

GT 9 – Museologia, Patrimônio e Informação

A COLEÇÃO, A PESQUISA E A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICAS COMO FORMAS DE SOCIABILIDADE DE UM MUSEU: O CASO DA COORDENAÇÃO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI[1]

COLLECTION, RESEARCH AND SCIENTIFIC COMMUNICATION AS MEANS OF SOCIABILITY IN A MUSEUM: CASE STUDY OF THE DEPARTMENT OF HUMAN SCIENCE OF THE EMILIO GOELDI MUSEUM IN PARÁ

Luisa Maria Rocha[2], Alegria Benchimol[3], Tania Chalhub[4], Ana Lúcia Ferreira Gonçalves[5]

Modalidade da apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Pesquisa descritiva acerca das mudanças das "formas de sociabilidade" no Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), analisando comparativamente as passagens dos séculos XIX-XX e XX-XXI. O objetivo geral foi investigar as "formas de sociabilidade" com base no tripé coleção, pesquisa e publicação da Instituição. A metodologia de caráter quali-quantitativo utilizou as pesquisas documental, bibliográfica e de campo, e como técnicas de coleta de dados a aplicação de questionários e levantamento da produção científica na Plataforma Lattes dos pesquisadores doutores da Coordenação de Ciências Humanas (CCH) do MPEG. Os resultados mostram que houve mudanças nas formas de sociabilidade ao longo do tempo e que, especificamente, no MPEG, o entrelaçamento entre coleta, pesquisa e publicação se revelou consistente.

Palavras-chave: Formas de sociabilidade. Coleção museológica. Pesquisa em museus. Publicação. Museu Paraense Emilio Goeldi.

Abstract: *Descriptive research on the changes of the "means of sociability" in the Goeldi Museum (MPEG), comparing the passages of the XIX-XX and XX-XXI centuries. The objective was to investigate the "forms of sociability" based on the trio: collection, research and publication of the institution. The qualitative and quantitative methodological approach was based on documental, literature and field research. The data collection techniques were questionnaires and a search of scientific production by PhD researchers from the Humanities Coordination (CCH) of the MPEG in a*

[1] Esta comunicação oral refere-se à pesquisa "Patrimônio Ambiental: as relações sociedade, cultura e meio ambiente" cadastradas nas instituições JBRJ e PPG-PMUS UNIRIO/MAST.

[2] JBRJ, UNIRIO (PPG-PMUS UNIRIO/MAST)
[3] MPEG
[4] INES
[5] CAP/UFRJ

Brazilian Data Base (Lattes Platform) to collects scientific production. The results show changes in time of the means sociability and that, specifically, in the MPEG, the junction between collections, research and publications reveal a consistent trend.

Keywords: *Forms of sociability. Museum collection. Research in museums. Publication. Museu Paraense Emilio Goeldi.*

1 INTRODUÇÃO

A Museologia, na qualidade de área interdisciplinar de reflexão teórica e empírica acerca dos museus, tem se debruçado, ainda que de forma incipiente, nas investigações acerca da produção do conhecimento científico, em particular na análise dos processos de institucionalização de diferentes "formas de sociabilidade" que definem a especificidade das relações sociais estabelecidas entre os membros de uma coletividade e as diversas formas de ligação destes a uma realidade social. Estas relações assumem diferentes configurações nas sociedades, no tempo e espaço, tomando as formas possíveis de acordo com os valores e as representações que as expressam.

No período de consolidação (1894) do Museu Paraense[6], situado em Belém do Pará, a forma de sociabilidade era constituída pelas relações entretecidas nos processos de colecionamento, pesquisa e comunicação, com características próprias e singulares, muitas delas advindas da História Natural. Na atualidade, pergunta-se quais formas de sociabilidade suportam a produção do conhecimento da área de Ciências Humanas (Antropologia, Arqueologia e Linguística) deste museu e quais relações podem ser identificadas e conformam os processos museológicos em função da sociedade, das estruturas e das conjunturas vigentes.

A questão norteadora desta pesquisa está fundamentada na relevância da contribuição dos pesquisadores com seus objetos de estudo em termos de agregar valor à instituição Museu e à qualidade e especificidade dos processos museológicos de formação de coleções, pesquisa e comunicação na produção do conhecimento das Ciências Humanas do Museu Paraense Emilio Goeldi (MPEG). Assim, este estudo teve como objetivo principal analisar as "formas de sociabilidade" da Coordenação de Ciências Humanas (CCH) do MPEG, com base na produção de conhecimento dos seus doutores, a partir da relação entre coleções, pesquisa e publicações.

[6] A partir de 1900, o Museu Paraense passa a chamar-se Museu Goeldi e desde 1931, intitula-se Museu Paraense Emílio Goeldi, nomenclatura que vigora até hoje.

2 METODOLOGIA

O universo pesquisado foi a Coordenação de Ciências Humanas (CCH) do MPEG, cuja amostra constou de doutores das áreas Antropologia (6), Arqueologia (7) e Linguística, (4) por meio da produção científica dos mesmos entre 2011 e 2015. Reconhecemos que há vários canais de comunicação científica, formais e informais, porém delimitamos, prioritariamente, os artigos em periódicos científicos por serem "canais preferenciais para a certificação do conhecimento científico" (MUELLER, 2006, p. 27).

As pesquisas bibliográfica e documental tiveram como fontes documentos primários e secundários de diversas ordens tais como relatórios, cartas, ofícios, leis, decretos, discursos, livros, artigos, entre outros. Foi feito o levantamento da produção científica, projetos e linhas de pesquisas, na Plataforma Lattes, dos 17 doutores das três áreas de pesquisa do CCH. Em seguida, na pesquisa de campo, foi aplicado um questionário visando a identificar a produção científica sobre as coleções, bem como esclarecer alguns pontos referentes às publicações. Do total de 17 questionários aplicados, 14 foram preenchidos presencialmente com a participação de uma das autoras do artigo e analisados numa abordagem qualitativa. Os outros três pesquisadores, por estarem ausentes de Belém, não preencheram o questionário e as informações foram analisadas somente a partir da Plataforma Lattes.

3 ENTENDENDO ALGUNS CONCEITOS

Sociabilidade é termo utilizado por Lopes (2001) para definir os diversos tipos de relações sociais estabelecidos entre os membros de uma coletividade e as suas formas de ligação a um todo social. Na perspectiva de Gurvitch (1986), a sociabilidade envolve o estudo de um agrupamento e sua integração a uma sociedade em particular, de forma a analisar a especificidade destas relações sociais que o define. No âmbito destas relações, a circulação de informações, as quais expressam interesses, práticas e valores, possibilita identificar as diferentes maneiras de ligação dos componentes de uma realidade social, evidenciando suas formas de sociabilidade. Estas podem se diferenciar em termos de vínculos e intensidades, em função da sociedade, das estruturas e das conjunturas concretas. Assim, as diversas "formas de sociabilidade" podem coexistir no Museu e definir as distintas dinâmicas e abordagens nos processos museológicos e o modo com o qual estas operam na institucionalidade[7] vigente.

De forma a evidenciar o entrelace destes três conceitos – coleção, pesquisa e comunicação – e sob o ponto de vista da natureza institucional das coleções nos museus,

[7] Qualidade ou caráter de institucional (Dicionário Caldas Aulete Digital, 2016) Disponível em: http://www.aulete.com.br/institucionalidade Acesso em 16/07/2016.

Desvallées e Mairesse (2013, p.33), afirmam que a coleção é ao mesmo tempo o resultado (aquisição) e a fonte de um programa científico (pesquisa). Complementam estas ações a comunicação científica do que se obteve nestes processos.

Na definição do Conselho Internacional de Museus - ICOM, o caráter institucional do museu se define por um acordo arbitrário dos homens frente às exigências da vida em sociedade e pela necessidade de uma "relação sensível com os objetos" (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p.50). Com a chancela do ICOM, a instituição passa a ter uma estrutura de caráter permanente capaz de servir à sociedade. Se na primeira abordagem o foco incide nas relações sociais instituintes de acordos diante das necessidades da vida, na segunda, instâncias formais legitimam a criação de espaços permanentes estruturados para cumprir a missão de servir a sociedade.

Neste artigo se analisa as "formas de sociabilidade" vigentes na produção do conhecimento da área de Ciências Humanas do MPEG a partir do tripé museológico coleção, pesquisa e comunicação científica que serão definidos nos próximos subitens.

3.1 COLEÇÃO

Na Museologia, coleção é definida por Desvallées e Mairesse (2013, p.32) como "um conjunto de objetos materiais ou imateriais" que uma pessoa ou entidade se "responsabilizou por reunir, classificar, selecionar e conservar em um contexto seguro e que, com frequência, é comunicada a um público mais ou menos vasto". Percebem-se aqui os processos de colecionar, pesquisar e comunicar. Contudo, uma coleção se define pela coerência e significado de seu conjunto.

Sob outra ótica, uma coleção é formada a partir de escolhas tangíveis e intangíveis, na medida em que se define por um conceito ao mesmo tempo agregador e segregador, aproximando os iguais e distanciando os diferentes. Neste sentido, as leituras de mundo empreendidas por indivíduos, grupos, áreas de conhecimento ou mesmo instituições são capazes de definir a organização do conhecimento de uma coleção. Assim, os processos que institucionalizam os conceitos forjados por pesquisadores em seu campo de conhecimento são materializados na organização de representações culturais.

Na visão antropológica de Gonçalves (2007, p.109), baseado em Clifford (1985) e Pomian (1997), o "colecionamento" é uma categoria de pensamento que traduz, de certo modo, o processo de formação de "patrimônios". Contudo, como afirma Gonçalves (2007, p.243),

> no processo de construção dessas instituições situadas entre a memória e a história (tais como o patrimônio, as coleções, os museus, os monumentos, os

> arquivos), opera-se um trabalho cuidadoso de eliminação das ambigüidades. Substituem-se categorias sensíveis, ambíguas e precárias (por exemplo, cheiro, paladar, tato, audição) por categorias abstratas e com fronteiras nitidamente delimitadas com a função de representar memórias e identidades.

Assim, patrimônio, coleções e museus operam na representação de "memórias e identidades" que ao terem seus limites definidos em categorias abstratas, como aqueles de uma área de conhecimento, acabam por eliminar "ambiguidades" e, muitas vezes a complexidade, ambas com possibilidades de evocar significados culturais que um indivíduo possa identificar-se com a identidade de quem os produziu. Ao invés de apostar na transmissão de conhecimentos e categorias abstratas das ciências, a escolha por trabalhar com as tradições do saber e fazer dos grupos produtores, ou mesmo de colocar lado a lado tais organizações do conhecimento, traz novos rumos para a Antropologia e à própria Museologia.

Assim, as coleções, no século XXI, alcançam um novo *status* frente às questões contemporâneas tanto em relação à Nova Museologia e à função social dos museus e suas coleções, quanto para as disciplinas que compõem as ciências humanas do MPEG, preocupadas na salvaguarda destas representações culturais não apenas sob a ótica das ciências, mas agora com a inclusão do olhar e da autoridade das sociedades produtoras.

3.2. PESQUISA

O conhecimento, sob a ótica de Burke (2003), envolve as formas de produção e as maneiras como esse conhecimento foi e é disseminado, portanto a pesquisa e a comunicação de seus resultados. Na chamada Revolução Científica, o homem de ciência, o cientista, começa a se definir enquanto tal, determinando as disciplinas, as práticas de pesquisa, o vocabulário e as formas de comunicação do conhecimento.

Há uma proliferação de novos lugares, onde vários tipos de conhecimento são discutidos tais como museus, laboratórios, jardins botânicos, anfiteatros, observatórios entre outros, indicando a quebra de monopólio por parte das universidades e academias. Os vocábulos pesquisa, investigação e experimento passaram a ter uso regular, sugerindo, em certos círculos, uma consciência crescente da necessidade de um conhecimento sistemático, profissional, útil e cooperativo. Segundo Burke (2003), por volta de 1700 já se pode falar em um deslocamento da curiosidade para a pesquisa.

No século XVIII, a pesquisa estava sistematizada e havia uma organização formal do conhecimento, o fomento à pesquisa, além de várias academias científicas na Europa. A ousadia em conhecer propiciou as expedições de coleta para outras partes do mundo em busca

do desconhecido (BURKE, 2003). Como se percebe, o conhecimento está intrinsecamente vinculado a uma política e é "controlado" pelas Instituições que têm mais força no momento, seja o Clero, as Universidades, as Academias, entre outras.

O século XIX é caracterizado por Burke (2012) como a era da análise e da coleta do conhecimento. A análise supõe a descrição (compilação de listas e catálogos), a decifração - o homem não pode ser dissociado do seu meio - (forma de descrever algo com exatidão - hieróglifos e escrita cuneiforme), a reconstrução – encaixe de fragmentos de informação reunidos (restauração de edifícios antigos, descoberta de ossos por paleontólogos, restauração de mosaicos, reconstrução de formas linguísticas), a avaliação – identificação de fraudes no processo de testes do meio científico (investigação de fidedignidade de produções intelectuais, culturais e artísticas), a medição – método de análise de dados (Alexander von Humbolt levou na sua expedição à América espanhola mais de 40 tipos de instrumentos de medição), as comparações – mensuração das diferenças e possíveis contrastes, a interpretação – observação do mundo em termos dos significado das coisas (observação sensorial do modo intrínseco existente em cada ação e cultura). Esse século foi marcado como a idade de ouro das palestras, nas quais as pesquisas eram expostas e seus autores recebiam questionamentos e contribuições.

O século XX, segundo Burke (2012) foi aclamado como a era da especialização e trabalho em equipe. É inicialmente marcado pela preocupação com a ciência popular e sua importância na difusão da pesquisa. Neste período, a prioridade era transmitir o conhecimento a um público maior, propiciando ampla disseminação e exposição deste para os mais variados grupos de indivíduos, assim como a disponibilização e acesso da informação para uma grande quantidade de pessoas presentes em diferentes lugares. A mesma era vista como uma ferramenta para o bem-estar dos indivíduos, uma "maneira de despertar a consciência, como meio de transformar a sociedade" (p. 133). Com o aumento da produção intelectual em termos exponenciais surgiu, como reflexo, a incapacidade de administrar a quantidade de informação produzida. Por este motivo, se tornou uma necessidade a especialização no armazenamento e tratamento da informação. Tais profissionais eram nomeados como guardiões do saber, sendo responsáveis pela análise, interpretação e disseminação da informação. Em consequência deste processo nasceu a ciência cidadã, que disseminava conteúdos em ambientes diversos, como o virtual (Wikipedia), e auxiliava na coletivização dos processos de pesquisa e geração de informação. Tal método teve como consequência a divisão do trabalho de pesquisa e criação da produção em equipe.

O século XXI é identificado por uma transformação no modo de comunicação da ciência. Este fato "alterou os modos de produção permitindo formas inovadoras de criação (publicações digitais, bibliotecas digitais, redes sociais, blogs etc.), edição e distribuição de conteúdo, de armazenamento, acesso e comunicação em tempo real [...]" (AUTRAN; BORGES, 2014, p.123).

Este século começou com a crise dos periódicos em meio impresso por conta dos altos preços das assinaturas. Em função desta realidade, o paradigma do acesso livre (*open access*) tomou consistência, permitindo que um maior número de usuários tivesse acesso aos textos a baixo custo por meio de instituições acadêmicas. Esse mecanismo, conhecido como via verde e via dourada (*green road* e *golden road*) trabalha em parceria direta com o ideal do acesso aberto, com intenção de tornar a informação livremente acessível em repositórios (via verde) ou em revistas em *open access* (via dourada) sem necessidade de excluir a possibilidade de os autores continuarem fazendo publicações em periódicos favoritos. Ou seja, a gama de alcance e conteúdo da literatura científica se mantém maior, refletindo visibilidade para os autores e estimulando um aumento de citações.

3.3 COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Na visão de Schwartzman (2001), a ciência consiste acima de tudo em uma comunidade de indivíduos bem educados que empregam com entusiasmo e criatividade o melhor da sua inteligência Os produtos destes indivíduos compõem a chamada literatura científica, importante indicador do avanço de uma área do conhecimento.

Segundo Kuhn (2007, p. 40), "a criação de publicações especializadas, a fundação de sociedades de especialistas e a reivindicação de um lugar especial nos currículos de estudo têm geralmente estado associadas com o momento em que um grupo aceita um paradigma único", o que significa dizer que uma nova ciência está se institucionalizando. Nesta perspectiva, o processo de se produzir ciência prevê, entre outras atividades, a comunicação dos resultados obtidos em pesquisas por meio de publicações reconhecidas pela comunidade científica à qual o pesquisador é vinculado, ratificando uma relação de interdependência entre o conhecimento e seu grupo social.

Assim, Comunicação Científica pode ser entendida como "a troca de informações entre membros da comunidade científica incluindo atividades associadas à produção, à disseminação e ao uso de informações, desde a concepção de uma ideia até que os resultados da pesquisa sejam aceitos como parte do conhecimento científico" (GARVEY, 1979, p. ix).

Entre as funções da Comunicação Científica encontra-se aquela de dar continuidade ao conhecimento, possibilitando que outros cientistas desenvolvam seus estudos, aceitando ou não os resultados da pesquisa que os originou, tornando-se assim o cientista, ao mesmo tempo, produtor e consumidor de ciência (GARVEY, 1979). Neste sentido, estudar os meios de troca de ideias e transferência de informações entre cientistas, não é apenas "enfocar os padrões de comunicação entre pares, mas também englobar tanto a informação à qual recorrem para suas pesquisas quanto àquela que produzem e transmitem por diferentes canais de comunicação e tipos de documentos" (PINHEIRO, 2003, p. 62).

A importância da Comunicação Científica é descrita por Meadows (1999) ao afirmar que uma pesquisa só se legitima quando é avaliada e aceita pelos próprios pares. Por esta razão, para o autor, a comunicação está no cerne, no coração da ciência e é parte essencial do processo de investigação científica. Na esteira deste pensamento, Ziman (1979, p. 116) alerta que "não se pode considerar que uma investigação esteja completa só porque seguiu até o final a última pista e confirmou a coerência entre teoria e experimento". Assim, submeter um artigo à comunidade científica envolve ser avaliado, criticado e aceito. Nisto reside a importância da comunicação, esta equivalente ao "germe que originou tudo ou os equipamentos que testaram e aprovaram a hipótese".

Cabe problematizar, nesta comunicação, as diferenças entre áreas de conhecimento. Meadows (1999) assinala as divergências entre a visão de mundo dos pesquisadores das áreas de ciências e de humanidades, tanto em relação à "natureza do que seja conhecimento" quanto na organização dos modos de pesquisa. Tais variações envolvem desde o meio empregado para veiculação das pesquisas até a forma que a informação é apresentada e sua circulação.

4 SOCIALIDADE E INSTITUCIONALIDADE NO MPEG – FIM DO SÉC. XIX E INÍCIO DO SÉC. XX

Ao longo de todo o século XIX e do início do século XX, os museus brasileiros com suas expedições exploradoras propiciaram um período de coleta de artefatos materiais e relatos etnográficos, descritivos e objetivos, nos quais a ciência se definia por uma abordagem universalista. Os objetos coletados eram incluídos em um sistema classificatório que agrupava coisas diferentes entre si em categorias muitas vezes abstratas e sem um significado apreensível, como exemplificado por Geertz (1997, p.24), ao mencionar as categorias "formas de expressão" e "presenças afetivas".

Estas versões locais das ciências descritivas, como a Antropologia e Arqueologia, propiciaram a musealização tanto de uma natureza transformada em artefato quanto de seus

habitantes por meio da formação de coleções e inventários. Ao mesmo tempo, ao percorrer o território nacional as expedições colocavam no "mapa" terras e populações ainda desconhecidas e, aos poucos, delimitavam e construíam os contornos e meandros da nação (LOPES, 2001).

Este contexto social, cultural e político participa da conformação de determinadas "formas de sociabilidade" de uma instituição, que muitas vezes, tem como base "modelos institucionais gestados em outras realidades, particularmente a europeia" e envolvem tanto "a circulação da ciência por uma rede científica", pautada por características "universais e locais epistêmicas", quanto pela "musealização de uma disciplina especializada" (LOPES, 2001, p. 81). Esta concepção da autora se adéqua ao contexto da gestão de Emilio Goeldi frente à Direção do Museu Paraense (1894 a 1907).

Na visão de Schwarcz (2005, p. 131, 132), ao assumir a direção do Museu Paraense e convidar naturalistas europeus para integrar o corpo de pesquisa da instituição, Emilio Goeldi cria as revistas "Boletim do Museu Paraense" e "Memória do Museu Paraense", de forma a trazer "notoriedade" a esta nova instituição e tornar rapidamente conhecidos certos estudos e resultados sobre assuntos de História Natural e Etnologia amazônicas (REGULAMENTO DO MUSEU PARAENSE, 1894). De certa forma o tripé coleção, pesquisa e comunicação científica, esteve presente oficialmente na instituição. A singularidade deste tripé também foi expressa nas suas "formas de sociabilidade":

> Também nesse local os artigos de naturalistas preponderam [...] Mas a importância científica do museu atrelava-se à lógica dos centros estrangeiros. Abrigo seguro para os viajantes e cientistas europeus e americanos, o museu cumpriu uma função interna a esse mundo dos museus, auxiliando com documentação e registros (SCHWARCZ, 2005, p. 131, 132).

Percebe-se assim, que os processos constitutivos da institucionalização do museu estavam voltados para a circulação de teorias, práticas e tradições de uma ciência europeia através da criação de um "centro estrangeiro" na região amazônica, que propiciava a formação de coleções de caráter antropológico e arqueológico capaz de subsidiar a produção de conhecimento destas ciências no referente aos processos de coleta, documentação, pesquisa e comunicação científica. Esta última pela edição de revistas institucionais que, por meio de uma ampla circulação por espaços e redes de sociabilidade científica - nesta época especificamente museus e bibliotecas da Europa e da Américas -, possibilitavam colocar o museu no mundo.

Estes intercâmbios científicos propiciavam a constituição de redes de interesses e profissionais, ambos importantes para a manutenção da circulação e da contratação de

pesquisadores para o museu. A busca pelo reconhecimento internacional do Museu Paraense, de suas coleções e publicações, assim como os congressos e exposições nacionais e internacionais, constituía uma forma de garantir a sua institucionalidade, na medida em que ser aceito nos espaços e redes de sociabilidade científica internacionais significava estar na "ordem do dia" conferindo prestígio e notoriedade para a produção do conhecimento do museu e seus pesquisadores (PODGORNY; LOPES, 2008).

Verifica-se, então, que a relevância desta produção estava pautada nas relações entretecidas nos processos de musealização: formação de coleções e sua documentação; o estudo e a pesquisa que perpassam todos os processos; e a comunicação científica, aqui especificamente as publicações. Assim, coleção, pesquisa e comunicação científica no final do século XIX e início do XX, especificamente no Museu Paraense, constituíam uma forma de sociabilidade com características próprias do ponto de vista do lugar (um centro para os estrangeiros); da coleção (classificar e agrupar objetos diferentes em categorias abstratas) e da pesquisa antropológica e arqueológica (estudar o outro através de uma abordagem universalista); do local (a região amazônica) e da publicação (produção sobre o local para circulação principalmente internacional).

As trajetórias percorridas pela Arqueologia e Antropologia, no Museu Paraense Emílio Goeldi caminham entremeadas até aproximadamente as décadas de 1950/1960, por isso mesmo coleção etnográfica compreendia também os objetos e fragmentos arqueológicos. Naquelas décadas, sob orientação de Eduardo Galvão, a coleção etnográfica e a arqueológica foram conferidas, classificadas, descritas e separadas. Esta separação possibilitou um maior desenvolvimento nestas áreas especializadas de conhecimento (BENCHIMOL, 2015). A área de Linguística iniciou na Instituição somente na década de 1960, entretanto, já em 1909, houve um artigo, cujo conteúdo referia-se a esta área, intitulado "Vocabulário comparativo dos índios Chipaya e Curuahé", publicado no "Boletim", em 1913, pela Dra. Emília Snethlage.

A coleção linguística se formou aos poucos com uma ampliação significativa na década de 1980, devido a projetos de apoio e incentivo a documentação dos aspectos culturais dos povos indígenas da Amazônia. Nos últimos cinco anos (2010-2014), segundo a linguista Ana Vilacy Galúcio (entrevista, 2014), foi criado um acervo digital de línguas amazônicas, seguindo padrões internacionais de catalogação e arquivamento de conteúdo linguístico digital (BENCHIMOL, 2015). O Centro de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas da Amazônia, no Museu Goeldi, promove cursos e oficinas de capacitação para membros das comunidades indígenas interessados em aprender a manusear equipamentos, fazer gravações e

edição de vídeos para que os próprios grupos possam documentar seus eventos culturais, sua língua e sua cultura. Essa relação de interação das comunidades indígenas com os pesquisadores varia entre os diferentes grupos indígenas, mas, no geral, aqueles pesquisados pelo museu, estão interessados na preservação de sua língua e de todos os elementos culturais que dela fazem parte (BENCHIMOL, 2015).

No âmbito da Antropologia e da Museologia, a partir de 1980, a aproximação entre a pesquisa e os museus inaugurou novas formas de sociabilidade, que inseriu outras vertentes como "o estudo do museu enquanto instituição social". Nesta linha, os processos museológicos são vistos como "práticas culturais das quais importa perceber as subjacentes mensagens ideológicas", de ambas as disciplinas (DUARTE, 1998).

Compreende-se que os objetos coletados e institucionalizados ao longo do conjunto de processos da musealização, reunidos sob a qualificação de coleções, trazem no bojo as marcas das disposições sociais, políticas e culturais de agentes de diversos campos epistêmicos. As lutas simbólicas destes grupos permeiam o processo de formação, identificação e interpretação das coleções que, muitas vezes, subjazem o discurso comunicacional e a publicação do catálogo. Assim, a preocupação com os modos de representação do conhecimento antropológico levou a análise dos aspectos discursivos da representação cultural (DUARTE, 1998).

Assim, os museus estão calcados no potencial da instituição de representar, por meio de objetos musealizados, a riqueza das relações sociais e simbólicas de uma comunidade indígena, mas também na promoção de uma formação cultural baseada nas políticas institucionais da época. Estas relações institucionais estabelecidas entre pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento que se manifestam no alinhamento das práticas e teorias voltadas para a produção do conhecimento científico e da cultura material, constituem em si formas de sociabilidade. Neste sentido, os museus, na qualidade de um espaço em que se produzem e reproduzem as relações sociais e simbólicas, são "lugares" em que é possível se fazer a leitura da "identidade dos que a ocupam, das relações que mantêm e da história que compartilham" (AUGÉ, 2006, p.107).

Na visão de Lopes (2001, p. 883), os museus são proporcionadores de novas "formas de sociabilidade" configurando, espaço-temporalmente, novas características no trabalho, "exigindo habilidades radicalmente diferentes daquelas consagradas".

No caso da Museologia e da Antropologia, a organização científica dos objetos ou de seus usos e funcionalidades deu lugar às exposições temáticas com um discurso narrativo evidenciando os conhecimentos e suas escolhas ideológicas. Tal desafio levou a busca por

olhares plurais de equipes multi, inter e transdisciplinares integradas por diferentes profissionais, técnicos e membros das sociedades produtoras dos objetos. A requalificação dos objetos em novos arranjos rompeu com a ordem formal das ciências e possibilitou relativizar as "verdades" institucionais representadas (DUARTE, 1998).

Ampliando os horizontes de reconfiguração das sociabilidades nos museus, Gallois (1989 apud VELTHEM, 2005) afirma que estes não devem limitar-se à preservação material, mas se abrir para dimensões sociopolíticas dessa preservação. Posição esta compatível com o pensamento de Velthem (2004, p.75) ao sustentar que as coleções etnográficas contribuiriam efetivamente para as demandas indígenas de valorizar e preservar o patrimônio cultural se fossem revestidas de um novo papel, no qual a "presença do outro", por meio de seus bens materiais, fosse uma prática rotineira. As duas autoras insistem que os museus devem atentar para o seu papel político e social com relação às sociedades produtoras, na medida em que os objetos por eles produzidos possuem uma "relação de continuidade com as culturas de origem".

Dessa forma, os museus precisam se preparar para trabalhar para e com os povos indígenas. A palavra correta a ser usada é acessibilidade e isso significa, em primeiro lugar, que os povos indígenas precisam saber que existem museus e que alguns possuem objetos originários das comunidades indígenas; além disso, é necessário permitir que os índios tenham acesso físico a esses objetos; e, finalmente, faz-se mister elaborar projetos específicos sobre os objetos com essa temática (VELTHEM, 2008. Entrevista).

5 SOCIABILIDADE NA CCH DO MPEG NO INICIO DO SÉCULO XXI

Na passagem do século XX para o XXI, os museus tradicionais continuam encantando e muitos permanecem com seu prestígio e relevância associados ao acervo, à pesquisa e à comunicação, reforçando sua conotação simbólica. Contudo, outras formas de sociabilidade adequadas aos novos tempos possibilitaram outros modelos de museus. Num mundo em acelerada transformação, as hierarquias, as taxonomias e as classificações perdem a demarcação de suas fronteiras ao mesmo tempo em que desaparecem as paredes de um museu agora aberto às paisagens e às comunidades plurais.

Estas transformações, na visão de Jiménez-Blanco (2014, p.16), não implicaram na perda das características "simbólica e representativa nem no caráter de centro cívico de

produtor de conhecimento que a Revolução Francesa[8] outorgou aos museus". Mas de fato, introduziram um questionamento permanente sobre "os museus e seus limites", sendo este agora convertido em "objeto de museu". Assim, no caso dos museus com acervos etnográficos o que mudou foi o deslizamento das questões "do que" para o "como", da autoridade curatorial afirmativa baseada no conhecimento científico dos objetos para uma compartilhada e colaborativa com a inclusão dos saberes e práticas das comunidades de origem (JIMÉNEZ-BLANCO, 2014, p.16). Do registro dos linguistas das línguas dos grupos étnicos para oficinas com membros indígenas para gravar suas festas e tradições. Tais práticas redefinem a produção do conhecimento científico.

Na atualidade, algumas formas de sociabilidade foram alteradas tanto no âmbito do trabalho quanto nas relações pessoais, pela emergência das redes virtuais no ciberespaço que redefiniram as publicações e circulações de periódicos científicos, assim como os trabalhos colaborativos de pesquisadores, agora articulados através das redes tanto em termos de produção científica quanto acadêmica através de ferramentas que possibilitam encontros virtuais à distância de forma sincrônica. Destaca-se que as relações sociais estabelecidas geram códigos e estruturas próprias que demandam reconfigurar o modo de vida social quer seja na esfera do trabalho quer seja do privado.

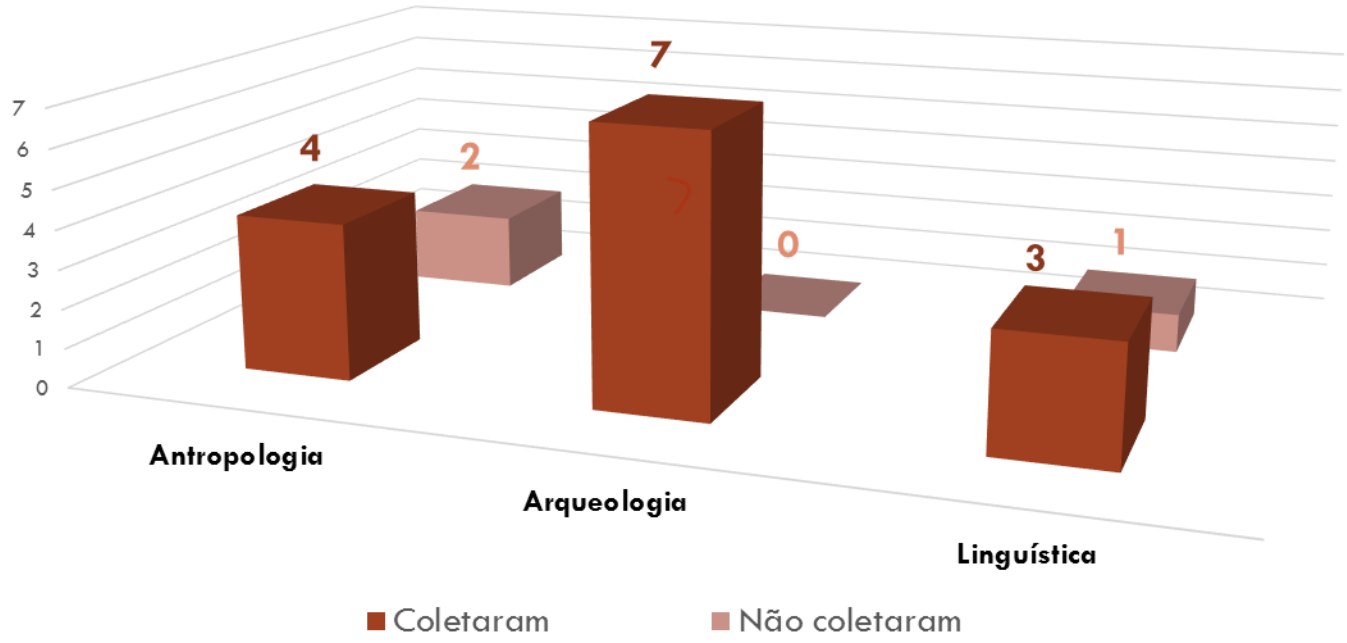
As tecnologias da informação e comunicação têm um papel significativo na criação da infraestrutura para ambientes colaborativos, em particular, aqueles voltados para gestão de conhecimento. Um exemplo desta prática é o projeto "Museus da Amazônia em Rede" (MAR), que envolve quatro Instituições da Amazônia Oriental[9] e tem por objetivo permitir que as equipes dos Museus possam construir laços relevantes referentes ao domínio patrimonial, voltado para a documentação e a acessibilidade dos acervos comuns dos museus, inclusive para as sociedades produtoras.

Refletindo sobre as formas de sociabilidade existentes na CCH/MPEG, na pesquisa aplicada sobre o tripé coleção, pesquisa e publicação, na atualidade, foram encontrados os seguintes resultados (Figura 1).

[8] No século XVIII apareceram os primeiros museus públicos marcados pelos ideais da Revolução Francesa com aspirações a democratização da cultura e a sistematização do conhecimento, característico da ilustração europeia.

[9] O Museu Paraense Emílio Goeldi situado em Belém do Pará, Brasil; o Musée des Cultures Guyanaises em Caiena, Guiana Francesa; o Musée Départemental Alexandre-Franconie, Caiena, Guiana Francesa e o Stichting Surinaams Museum, estabelecido em Paramaribo, Suriname. http://amazonian-museum-network.org/pt-br/os-museus-da-amazonia

Figura 1. Contribuição dos pesquisadores para a coleta de objetos do CCH por área de atuação



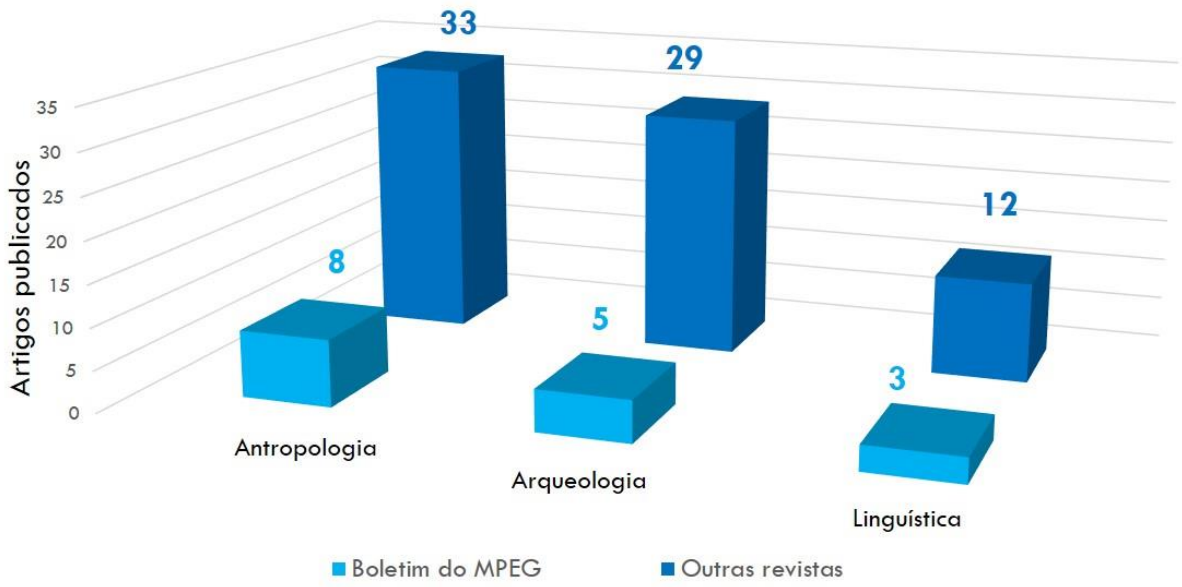
Fonte: Plataforma Lattes e dados obtidos por meio da aplicação de questionário

Conforme os dados da Figura 1 pode-se verificar que 14 (82%) dos doutores do CCH do MPEG coletaram e depositaram objetos nas reservas técnicas da Instituição. Merece destaque a participação dos sete (100%) pesquisadores da Arqueologia, cabendo ressaltar que algumas tipologias de acervo arqueológico não geram objetos materiais para a coleção, como é o caso da arte rupestre que, entretanto, gera documentação textual e imagética para registro desta cultura. Nas outras duas áreas, Linguística e Antropologia, a participação também foi significativa nas coleções, com três (75 %) e quatro (67%) pesquisadores respectivamente, depositando objetos nas reservas.

No que se refere à pesquisa, constata-se que 13 (76%) dos 17 pesquisadores, entre 2011 e 2015, relacionam suas pesquisas ao acervo depositado nas reservas técnicas do CCH, demonstrando uma relação consistente. Os outros quatro (24%) que não relacionam suas pesquisas aos acervos atuam em projetos voltados para a pesquisa documental de manuscritos do século XVIII; para o estudo de territórios e conflitos ambientais na Amazônia; para o manejo de recursos naturais; e para realizar estudos interdisciplinares na interface entre etnobiologia, etnologia e arqueologia sobre a história ambiental da Amazônia. Neste sentido, pode-se afirmar que a relação das pesquisas atuais e as coleções se mostra forte, principalmente se for considerado que apenas quatro pesquisadores, como dito, não apresentam relação entre suas pesquisas atuais e as coleções.

A caracterização das comunicações científicas dos últimos cinco anos (2011 a 2015) dos 17 pesquisadores do CCH está apresentada por área conforme Figura 2.

Figura 2. Comunicação científica dos pesquisadores doutores do CCH do MPEG, 2011 a 2015



Fonte: Plataforma Lattes

Pode-se perceber por essa configuração que a maioria da produção publicada em periódicos científicos está em canal de comunicação externo ao MPEG. Dos 90 artigos publicados neste período pelos 17 pesquisadores do CCH, 16 artigos (18%) foram publicados no Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Em periódicos, a Arqueologia publicou 34, a Antropologia 41 e a Linguística 15 artigos.

Em relação ao Boletim, cabe identificar uma mudança na forma de sociabilidade da comunicação científica entre a passagem do século XIX-XX para o XX-XXI. No final do século XIX, Emilio Goeldi incentivava a publicação, no Boletim do Museu, da produção científica dos pesquisadores brasileiros e estrangeiros tanto em função de disseminar os estudos sobre a região amazônica quanto em colocar a instituição no circuito científico internacional. Nas redes de sociabilidade científica, o museu se apresentava como um lugar qualificado por congregar a formação de coleções, de caráter local e de interesse das nações europeias, de pesquisa teórica e prática de tradição da ciência e de publicação institucional de

abrangência internacional. Estas formas de sociabilidade científicas naquele período serviram para agregar valor institucional ao Museu.

No regulamento de 1894 (p. 25), em seu artigo 9º, § 4º consta que os chefes de Seção do Museu devem "reservar de preferência para as publicações do Museu os fructos dos seus trabalhos scientificos", incentivando os pesquisadores a publicarem na revista da instituição a qual estavam vinculados. Na realidade, Goeldi tinha a intenção de concentrar no periódico do Museu o maior número de trabalhos possível sobre a região amazônica, evitando assim um esfacelamento literário. Hoje tal atitude seria considerada um estímulo à endogenia, vista de forma negativa pelos padrões de avaliação contemporâneos.

Na atualidade, a baixa porcentagem de publicação no Boletim pode ser decorrência das políticas e conjunturas vigentes, uma vez que as questões de "endogenia" nas publicações institucionais têm sido objeto de reprovação pelas agências de fomento à pesquisa como a Capes e o CNPq.

Dentre os outros periódicos que os pesquisadores publicaram seus artigos entre 2011 e 2015 destacam-se *Anthropological News,* Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, *Economic Botany*, *Journal of Archaeological Science*, POLS One, Revista de Arqueologia e Tellus. Das sete revistas com artigos publicados merece destaque o fato de quatro serem estrangeiras e serem representativas da área como o *Journal of Archaeological Science*, dentre outras. Da mesma forma, é representativa da área de linguística a revista brasileira DELTA: "Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada".

Entre todos os periódicos listados como canal de comunicação científica dos últimos cinco anos, pouco mais de 50% são brasileiros, e dentre estes há os que publicam em idioma inglês. A publicação em periódicos internacionais ou nacionais em idioma inglês insere-se, na atualidade, na política de internacionalização da ciência brasileira que no caso das ciências humanas encontra algumas barreiras quer seja muitas vezes pelo impacto regional das pesquisas quer seja pelas dificuldades inerentes as traduções de textos argumentativos característicos da área.

Alguns comentários dos pesquisadores do CCH durante o preenchimento dos questionários levaram a ampliação da análise metodológica quali-quantitativa de forma a não perdermos a visão macro da produção acadêmica desta Coordenação do MPEG. Neste sentido, dois pesquisadores mencionaram a importância de se analisar os outros tipos de publicações nas suas produções. Tal afirmação nos levou a pesquisar outros tipos de publicações constantes na Plataforma Lattes e analisar não somente o quantitativo de cada

tipologia e sua contribuição para a produção da Coordenação, mas também da relação entre a publicação em periódicos e os demais tipos.

Assim, percebe-se que as tipologias de "livros publicados", "capítulos de livros publicados" e "trabalhos completos publicados em anais" foram responsáveis, entre 2011 e 2015, por 110 artigos publicados enquanto a tipologia "periódicos" apresentou 90 artigos. Esta constatação nos remete a diferenças entre as áreas de ciências e de humanidades, apontadas por Meadows (1999), relacionadas à organização dos modos de pesquisa, do meio de veiculação destas e da informação apresentada. Sem dúvida a característica da área de Humanas e mesmo das Ciências Sociais perpassa o domínio da linguagem escrita, mas também a organização do pensamento, o uso de diversas referências teóricas e, na atualidade, projetos em parceria inter e multidisciplinar. Este estilo encontra nos capítulos ou no próprio livro um meio adequado para expor as suas pesquisas e linhas argumentativas sem restringir-se aos números de páginas de um artigo. Como afirma o sociólogo Sergio Adorno (2015):

> Nós escrevemos artigos em periódicos científicos, sim, mas nós também escrevemos capítulos de livros, capítulos de coletâneas e escrevemos livros. O livro, muitas vezes, nas ciências sociais é o fechamento de um ciclo longo de pesquisa, em que se foi divulgando resultados parciais, justamente através de artigos em periódicos, de artigos em capítulos em livros e assim por diante. Então, temos que considerar que essa singularidade das ciências sociais tem que ser observada e tem que ser respeitada.

Outros comentários de pesquisadores são pertinentes para a compreensão dos limites desta pesquisa. Um limite enfrentado pela pesquisa referiu-se a não atualização da plataforma Lattes por cinco pesquisadores da Coordenação estudada, cuja última alimentação de dados foi efetuada em 2014 (2) e 2015(3).

Em relação ao entrelaçamento de coleção, pesquisa e comunicação recorreu-se à Plataforma Lattes para complementar a análise da correspondência entre as linhas e os projetos de pesquisa com os processos. Inicialmente, nos detivemos em identificar algumas das ações características da musealização como coleta, documentação, pesquisa e comunicação de coleções. Foi identificada nas linhas e projetos de pesquisa a menção ao processo de coleta de objetos para as coleções do CCH em 14 pesquisadores. Este quantitativo pode ser visto como um índice positivo considerando que três pesquisadores não depositaram objetos nas reservas quer seja por atuar em processos de documentação quer seja por terem seus projetos voltados para outras temáticas.

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Entre as principais considerações sobre os resultados desta pesquisa e suas reflexões ressaltam-se que em alguns projetos de pesquisa da área de Antropologia e Arqueologia foram identificadas ações de educação patrimonial com treinamento de residentes nos locais para gestão do patrimônio histórico e cultural. Tais propostas indicam as mudanças sociais que vêm ocorrendo no conceito e prática de salvaguarda de um bem cultural em áreas de conhecimento, como a Arqueologia e a Museologia. Estas áreas passaram a considerar a musealização *in situ* com a participação de agentes sociais locais, estes com ou sem relações identitárias históricas com o objeto patrimonial, uma importante forma de preservação, além de outras apropriações como museu a céu aberto, sítios etnográficos, ecomuseus, museus de territórios, dentre outras.

Em relação à documentação de coleções, foi possível identificar na Plataforma Lattes de 14 pesquisadores ações voltadas para documentar o material coletado, ainda que não de forma literal. Vale destacar que tal ação não necessariamente se constitui no processo de documentação museológica dos objetos da coleção, podendo se referir aos dados de campo, anotações sobre o uso cotidiano ou simbólico, ou ainda outras informações a serem selecionadas.

Quanto à pesquisa das coleções do museu foi observado que 12 pesquisadores têm linhas e projetos voltados para o patrimônio cultural da Instituição. Este quantitativo aponta para a relevância das coleções formadas historicamente pelo MPEG e a capacidade destas de suscitar novas questões no contexto atual da produção de conhecimento. Contudo, surgem também novas temáticas importantes na conjuntura atual que, apesar de não se debruçar sobre as coleções, trazem contribuições na compreensão da construção social de territórios na Amazônia, e seu reflexo nas instituições museológicas, estendendo-se para os conflitos de interesses na exploração e proteção da floresta. E ainda uma pesquisa sobre o impacto sociocultural das tecnologias e novas mídias nas culturas locais.

No que se refere à comunicação científica, atividade comum das diferentes áreas de conhecimento, todos os pesquisadores apresentaram publicações em periódicos e em livros, sendo este último com um volume maior de trabalhos, mantendo uma característica da área de humanas. Contudo, a política de internacionalização associada aos critérios de avaliação das agências de fomento tende a direcionar cada vez mais as publicações para os periódicos estrangeiros e com avaliações altas.

Por fim, esta comunicação não visou a esgotar o tema levantado e nem a responder conclusivamente às questões debatidas, mas acredita-se na sua contribuição para a reflexão

sobre as "formas de sociabilidade", via estudo de coleções, pesquisa e publicação de um grupo determinado numa Instituição de Pesquisa/Museu.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sergio. Na internacionalização científica, o que diferencia as ciências humanas? **Divulga Ciência**, 2015. Disponível em: <https://blogdivulgaciencia.wordpress.com/2015/08/19/na-internacionalizacao-cientifica-o-que-diferencia-as-ciencias-humanas>. Acesso em: 20 jul. 2016.

AUGÉ, Marc. Sobre modernidade: do mundo tecnológico de hoje ao desafio essencial do amanhã. In: MORAES, Denis de (Org.). **Sociedade mediatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 99-118.

AUTRAN, Marynice Medeiros Matos; BORGES, Maria Manuel. Comunicação da ciência: (r) evolução ou crise? **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde,** n.8, p. 122-138, jun. 2014.

BENCHIMOL, Alegria. 2015. **Resgate e ressignificação da pesquisa no Museu Paraense Emílio Goeldi:** presença e permanência de cientistas estrangeiros (1894-1914) na produção científica de autores atuais (1991-2010). 179 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia; Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: da Enciclopédia à Wikipédia. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

DEVALLÉES, André, MAIRESSE. François (Org.). **Conceitos-chave de museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DUARTE, Alice. O museu como lugar de representações do outro. In: **ANTROPOLOGIA e museus**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1998.

GALÚCIO, Ana Vilacy. Mensagem recebida em 13/07/2014 acerca da Coleção Linguística do MPEG.

GARVEY, William. D. **Communication**: the essence of science; faciliting information exchange among librarians, scientists, engineers and students. Oxford: Pergamon Press, 1979.

GEERTZ. **O saber local**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônio. Rio de Janeiro: MinC; IPHAN; DEMU, 2007.

_____. Os limites do patrimônio. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; BELTRÃO, Jane Felipe; ECKERT, Cornelia (Org.). **Antropologia e patrimônio cultural**: diálogos e desafios contemporâneos. Blumenau: Nova Letra, 2007.

GURVITCH, G. **A Vocação Actual da Sociologia**. Lisboa: Edições Cosmos, 1979- 1986. 2 v.

JIMÉNEZ-BLANCO, Maria Dolores. **Um historia del museo en nueve conceptos**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2014.

KUHN, Thomas S**. A estrutura das revoluções científicas**. Tradução Beatriz Viana Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LOPES, Maria Margaret. O local musealizado em nacional – aspectos da cultura das ciências naturais no século XIX, no Brasil. In: HEIZER, A.; VIEIRA, A. A. P. (Org.). **Ciência, civilização e império nos trópicos**. Rio de Janeiro: Access, 2001. p. 77-96.

LOPES, Maria. Margaret. Viajando pelo campo e pelas coleções: aspectos de uma controvérsia paleontológica. **História, Ciências, Saúde**. Rio de Janeiro, 2001. v. VIII (suplemento): p. 881-97.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. 268 p.

MUELLER, S. P. M. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 27-38, 2006.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Comunidades científicas e infra-estrutura tecnológica no Brasil para uso de recursos eletrônicos de comunicação e informação na pesquisa**. Ciência da Informação,** Brasília, v. 32, n. 3, p. 62-73, 2003.

PODGORNY, Irina; LOPES, Maria Margaret. **El desierto em uma vitrina: museos e historia natural em La Argentina,** 1810-1890. México: Limusa, 2008.

REGULAMENTO do Museu Paraense, jul. 1894. **Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographi.** Belém, 1894. t.1, n. 1.

SCHWARCZ, Lilia K. A era dos museus de etnografia no Brasil: o Museu Paulista, o Museu Nacional e o Museu Paraense em finais do XIX. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Museus:** dos gabinetes de curiosidades à museologia **moderna**. Belo Horizonte: Argumentum, 2005. p. 113-136.

SCHWARTZMAN, Simon. **Um espaço para a ciência:** a formação da comunidade científica no Brasil. Brasília: MCT, 2001. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/spacept/espaco.htm>. Acesso em: 22 jan. 2014.

SIDONE, Otávio José Guerci; HADDAD, Eduardo Amaral; MENA-CHALCO, Jesús Pascual. A ciência nas regiões brasileiras: evolução da produção e das redes de colaboração científica. **Transinformação**, Campinas, n. 28, p. 15-31, jan./abr. 2016.

SILVA, Edima Aranha. Evolução histórica do método científico: desafios e paradigmas para o século XXI. **Economia e Pesquisa,** Araçatuba, v.3, n.3, p. 109-118, mar. 2001.

VELTHEM, Lúcia Hussak van; TOLEDO, Franciza; BENCHIMOL, Alegria; ARRAES, Rosa; SOUZA, Ruth. A coleção etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi: memória e conservação**. MUSAS***:* revista brasileira de Museus e Museologia, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 121-134, 2004.

ZIMAN, J.M. **Conhecimento público**. Belo Horizonte: Ed Itatiaia; São Paulo: Ed da USP, 1979.